

## **O Califa da Rua do Sabão, de Artur Azevedo**

### **Fonte:**

AZEVEDO, Artur. *Teatro de Artur Azevedo*. [Rio de Janeiro] : Instituto Nacional de Artes Cênicas - INACEN, [198?]. v. 1. (Coleção clássicos do teatro brasileiro, v.7)

### **Texto proveniente de:**

Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>  
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo  
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### **Texto-base digitalizado por:**

Sérgio Simonato - Campinas/SP

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quiser ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>.*

## **O CALIFA DA RUA DO SABÃO** **Artur Azevedo**

*Inverossimilhança lírico-burlesca em 1 ato e diversos idiomas imitada de uma farsa de Labiche*  
*Música de Francisco de Sá Noronha*

### **Personagens**

Natividade

Negociante

Custódio, *guarda-livros*.

O primo Alferes

José, *moço de hotel*.

Josefina, *modista francesa*.

Dona Simplicia

*(A ação se passa no Rio Janeiro. Atualidade.)*

### **Cena I**

Custódio

*(Só, sentado no divã, de chapéu na cabeça e com as mãos apoiadas num grande guarda chuva.)*

[Custódio] - Não sei o que pensar de tudo isto! Ainda ontem era eu guarda-livros em casa do Senhor Natividade, à Rua da Alfândega... quando o patrão, que na véspera, chegara da Turquia, onde tinha ido buscar um bonito sortimento de artigos turcos, pôs-me no olho da rua, pelo simples fato de eu ter deixado cair do nariz no varão, um pequeno pingo de tabaco. *(Erguendo-se.)* O Senhor Natividade devia lembrar-lhe que há dezessete anos sou guarda-livros e é o primeiro pingo de tabaco que me cai na escrituração. Verdade seja que há apenas um mês que eu gasto. Não me quis atender o bárbaro! E disse-me com um gesto de Grão-turco: - Saia, Senhor Custódio, saia! Tomei então o meu guarda-chuva e o bonde, e fui para casa desconsolado e murcho! Mas ontem à noite, recebi do meu ex-patrão este misterioso bilhete: *(Lendo.)* “Custódio, esteja amanhã às nove horas da manhã, no quarto andar da casa da Rua do Sabão, número tal. O primeiro que chegar

espere pelo outro. Mistério! Mistério!! Mistério!!!” Repito, não sei o que pensar de tudo isto! Aqui estou no quarto andar, fazendo quarto, e como são nove horas e um quarto, e o ex-patrão não aparece, vou por os quartos na rua. (*Dispõe-se a sair, quando Natividade entra misteriosamente pelo fundo.*)

## Cena II

Custódio, Natividade

Duetino

Natividade - Psit! Psit! (*3 vezes.*)

Custódio - O patrão! (*3 vezes.*)

Natividade - Psit! Psit!

Cala a boca

Pois é pouca

Toda a tua discrição!

Custódio - Temos mistério! (*Bis*)

Natividade - Mas muito sério!

Ninguém deve

Nem de leve

O que vim fazer

Saber!

Psit! Psit!

Mas muito sério.

Juntos - Ninguém de leve

Saber.

Natividade - Eu tomei três tálburis,

Dobrei mil esquinas,

Abaixei cortinas

E afinal cá estou;

Ai, meu bom Custódio,

Serás surdo e mudo,

Senão lá vai tudo

Quanto Marta fiou!

Custódio - Tanto mistério, patrão, patrão,

Trata-se acaso de um crime?... de um crime?

Natividade - Adivinhaste: de um crime!

Custódio (*Querendo desmaiar.*) - Segura-me, eu caio

De ventas no chão!

Natividade - Cala, cala,

Pois é pouca

Toda a tua descrição!

Juntos - Ninguém deve

Nem de leve

Saber desta reunião,

Ninguém deve

Nem de leve

Saber desta reunião! reunião! reunião!

Custódio (*Amedrontado.*) - Um crime, patrão!

Natividade - Silêncio! Um crime, é verdade...

Custódio (*Correndo.*) - Ó da guarda!

Natividade (*Agarrando-o pelo fato.*) - Vem cá. Não te precipites! Um crime que não é previsto pelo Código.

Trata pura e simplesmente de trair a minha fé conjugal.

Custódio (*Repreensivo.*) - Oh! patrão!

Natividade - Que queres? fraquezas da humanidade.

Custódio - E a patroa, a Senhora Dona Simplícia?

Natividade - Custódio, se és meu amigo, não me faleis da Simplícia. Não imaginas o que é a minha vida privada!

Custódio - Deveras?

Natividade - Já chegamos ao ponto de não nos falarmos senão no dia primeiro, que é quando caio com os cobres para a despesa da casa... e ainda, sempre acabamos brigando! Resolvi, portanto, fazer outra família à parte.

Custódio - Patrão! Patrão!

Natividade - Foi uma idéia que me ocorreu há dois meses, em Constantinopla. Disse comigo: - Natividade, eis-te na pátria das huris, na terra das formosas escravas.

Custódio - Hein? Comprou uma mulher?

Natividade - Eu nunca fui abolicionista, e há muito desejava realizar esta transação oriental! Vesti-me de turco e dirigi-me...

Custódio - A uma casa de comissão.

Natividade - A um bazar, para efetuar minha compra. Tomou-me a passagem o caminho um respeitável muçulmano, que me disse em muito bom francês: - *Monsieur, j'ai une occasion magnifique, une circassienne superbe!* Levou-me à sua tenda, bateu três vezes numa portinha, e a formosa Zetublé apareceu, envolvida em gazes!

Custódio - Transparentes?

Natividade - Maganão! Não regateei... O turco pediu-me cinco mil francos: dei-lhe dois mil quinhentos.

Custódio - Barata feira!

Natividade - Dois mil e quinhentos francos, entenda-se.

Custódio - Ah!

Natividade - E mais três quilos de tabaco de Goiás... Nesse mesmo dia, parti para Marselha com a minha esplêndida cativa. (*Mostrando a porta do primeiro plano à direita.*) Ele está ali... naquela alcova... envolvida nos seus gases, quero dizer, nas suas gazes.

Custódio - Pode-se entrar?

Natividade - Maganão! E aqui tens o meu serralho.

Custódio - Na Rua do General Câmara!

Natividade - Antiga do Sabão, é verdade.

Custódio - Mas permita uma observação, Senhor Natividade, no Brasil já não há escravas.

Natividade - E que tem isso?

Custódio - Ela é livre, se quiser passar o pé...

Natividade - Então eu caio de cavalo magro? Primeiro que tudo, ela não sabe que está no Rio de Janeiro!

Custódio - Homessa!

Natividade - Quando chegamos a Marselha, ela achava-se bastante incomodada pelo enjôo do mar.

Custódio - Pobre huri!

Natividade - Logo no dia seguinte, estávamos à bordo do navio que nos trouxe para cá... Desembarcamos à noite, meti-a num carro fechado, trouxe-a para este quarto andar, fechei a porta, abri aquela janela, e disse-lhe, apontando para o zimbório da Candelária: - Estamos em Túnis! Ali está a grande mesquita...

Custódio - Em Túnis! E ela engoliu a pílula?

Natividade - Ora essa. Se eu lhe dissesse Chapéu D'Uvas, engoli-la-ia da mesma forma. As circassianas não sabem geografia.

Custódio (*A parte.*) - Este patrão é de força! (*Alto.*) Mas o que não vejo, é para que me mandou chamar! Em que lhe poderei ser útil?

Natividade - Custódio, tu és um bom velhote. Presta-me toda a atenção. (*Vão sentar-se no divã.*)

Custódio - Sou todo ouvidos.

Natividade - Tu, como guarda-livros, és bananeira que já deu cacho.

Custódio - Mas...

Natividade - Pus-te no andar da rua... para dar-te outro emprego.

Custódio - Deveras?

Natividade - Uma sinecura, não te digo mais nada. Casa, comida, cem bagarotes por mês, para não fazer nada.

Custódio - Oh! Senhor Natividade! Não sei como lhe agradeça... Mas, o que vem a ser o tal emprego?

Natividade - Mau velho, na Europa é costume fazer uns bonecos de palha, que se colocam as cerejeiras...

Custódio - Sim, senhor, na minha terra chama-se espantalhos.

Natividade - É isso mesmo. Discretos ao último ponto, esses manequins são incapazes de tocar nas cerejas, mas espantam os passarinhos que tentam aproximar-se delas.  
Custódio - Mas não atino...  
Natividade - Vais atinar... Nos serralhos há uma classe de funcionários... espantalhos, incumbidos de vigiar as cerejas do sultão.  
Custódio (*Levantando-se vivamente.*) - Alto lá, não sou de palha!  
Natividade - És o homem que me convém. Tomarás conta do teu novo emprego hoje mesmo. (*Consultando o relógio.*) São dez horas... Começas a vencer o ordenado.  
Custódio (*À parte.*) - Ora esta, que bonito emprego para um cidadão que ainda gosta de cerejas!  
Natividade (*Abrindo a primeira porta da esquerda.*) - É este o teu quarto... Ali encontrarás uma vestimenta de turco, um alfanje e umas barbas.  
Custódio - É preciso que eu me disfarce em turco?  
Natividade - Pois se estamos em Túnis!  
Custódio - Mas se eu não sei uma palavra da língua turca.  
Natividade - Nem eu.  
Custódio - Nesse caso a Zetublé percebe logo que...  
Natividade - Não percebe tal, ela só sabe o idioma da Circássia. Podes falar-lhe todas as línguas! Ah! é verdade, não te esqueças de que eu me chamo Ben-Cid-Natividade.  
Custódio - Tem graça, tem... mas eu também precisava de um nome oriental.  
Natividade - Tu chamas-te Omã;  
Custódio - Custódio Omar! Não soa mal. Custódio Omar.  
Natividade - Vai, vai mudar de fato. Preciso apresentar-te a Zetublé.  
Custódio (*À porta da esquerda.*) - Hein! O meu quarto está cheio de sacos!!  
Natividade - Já disse ao senhorio que mandasse tirar esses sacos de rolhas, aqui deixadas por um sujeito que aqui morou.  
Custódio - Daqui a pouco levo-as para o corredor. (*Natividade toma-o pela mão, trá-lo ao proscênio e cantam ambos misteriosamente o último motivo do dueto. Cantam.*)  
Natividade - Cala, cala,  
Juntos - Cala a boca, (*Bis.*)  
Pois é pouca  
Toda a tua discrição!  
Toda a minha discrição!  
Natividade - Psit! Psit!  
ninguém deve  
Juntos - Ninguém deve  
Nem de leve  
Saber desta reunião, desta reunião, desta reunião.  
(*Custódio sai pela esquerda.*)

### Cena III

Natividade, depois Josefina

Natividade (*Consultando o relógio.*) Dez horas e um quarto... São horas de vestir-me de califa. (*Toma a vestimenta que está pendurada e veste por cima de suas roupas. Arma-se com enorme alfanje. Enquanto se veste.*) O bonito é que fiquei de estar com minha mulher, às dez horas, na Rua Direita, ao pé do Correio, para irmos juntos ver uma casa que, durante a minha ausência ela comprou não sei em que bairro. Ora! Irá com o primo, um primo Alferes, que sempre me substitui nestas estopadas. Por isso disse-lhe que fosse ter com ela à Rua Direita... e o rapaz é de uma condescendência, coitado! (*Deitando na cabeça um enorme turbante.*) São horas de irmos ter com a nossa fantástica Zetublé. (*Chamando.*) Zetublé! Ó Zetublé! Não responde... Chamemo-la com uma serenata bem apaixonada. (*Canta fazendo do alfanje guitarra.*)

## I

Doce filha da Circássia,  
Branca per'la do Oriente  
Vem ouvir a voz plangente  
De teu senhor; *(Bis.)*  
Quero estreitar-me em meus braços,

Quero gozar-te as carícias  
E as inefáveis delícias  
De teu amo! *(6 vezes.)*  
Ah!  
Ó Zé... Zé... Zé...  
Ó Zetublé,  
Vem cá,  
Vem já,  
Vem cá,  
Vem fazer-me cafuné!  
Ó Zé... Zé... Zé...  
Ó Zetublé,  
Vem cá,  
Vem já,  
Vem fazer-me cafuné.  
Vem cá,  
Vem fazer-me cafuné.

## II

Não, não tardes, minha amada,  
Circassiana flor bonita,  
Que por ti palpita  
Meu coração *(Bis.)*  
A nívea face mimosa  
Quero cobrir-te de beijos,  
Vem saciar os desejos  
De teu sultão *(6 vezes.)*  
Ah!  
Ó Zé... Zé... Zé...  
Ó Zetublé,  
Vem cá,  
Vem já,  
Vem cá,  
Vem fazer-me cafuné!  
Ó Zé... Zé... Zé...  
Ó Zetublé,  
Vem cá,  
Vem já,  
Vem fazer-me cafuné.  
Vem cá,  
Vem fazer-me cafuné

*(Abre-se a porta da direita e Josefina aparece vestida à circassiana, e envolta num véu. Ei-la. (À parte.) É uma estrela! (Alto.) Vou fingir que falo turco. (Com um tom de voz muito suave.) Hoc opus hic labor est. Guarapuava.*

Josefina - Miau trá lá cá dá cá.

Natividade *(À parte.)* - Que idioma! É um regalo de mel serpeando suavemente numa planície de veludo!

*(Alto.) I am very glad, very well! Titire, tu patulé recubans sub tegmine fagi.*

Josefina - Miau trá dá cá dá cá.

Natividade *(À parte.)* - Miau trá dá cá dá cá... Diz sempre a mesma coisa... Isto aposto que significa... Eu te amo. Declaremo-nos. *(Alto. Com impeto.)* Ó Istambul! Cabul! Liverpool! *(Com explosão.)* Rio Grande do Sul!

Josefina - Miau trá dá cá dá cá.

Natividade *(À parte.)* - Já amola! Hei de dizer ao Custódio que lhe vá ensinando o português nas horas vagas. Se almoçássemos? Um calicezinho de champanha talvez... quem sabe? *(A Josefina, fazendo gestos de comer.) Usted mangiare!*

Josefina - Cuic! Cuic!

Natividade *(À parte.)* - Ela disse cuic! É o *oui* das circassianas! *(Consentimento.)* Ah! Quando me dará o seu cuic? Vou ao hotel ali defronte encomendar um almoço. *(Sai pelo fundo, fazendo a Josefina um sinal que espere.)*

#### Cena IV

Josefina, só

Josefina - Ah! *Voilà un chinois de turc qui me embête.* *(Apresentando-se.)* Josefina Bataille; ex-modista no Rio de Janeiro e ex-artista em Constantinopla. Não sou circassiana, mas *parisienne!* No Rio de Janeiro apaixonei-me por um *garçon d'hotel*: José, o meu José! Enganada por ele, resolvi expatriar-me. Em Paris, deu-me a mosca e fui para Constantinopla em companhia de uma companhia de *zarzuela-buffe*. Ferraram-nos a mais tremenda pateada. Ficamos todos a tocar leques por bandurra. Mas um dos nossos atores, um espertalhão, descobriu um turco que, tendo de embarcar daí a dias para o Rio de Janeiro, pretendia levar consigo algumas escravas. Disse comigo: estou arranjada! O homem paga-me a passagem, e logo que chegarmos ao Rio de Janeiro tomo às de vila-diogo. Agradei-lhe, e ele comprou-me por dois mil e quinhentos francos, que embolsei. Embarcamos... chegamos..., e no momento em que eu me dispunha a passar-lhe o pé, abre esta janela e diz-me: - Estamos em Túnis! O animal mudara de resolução? Estamos em Túnis, de baixo do pavilhão maometano, e pela lei, sou sua escrava! Que posição! E o diabo é que o diabo torna-se exigente como o diabo! Já começa a agitar o lenço. *(Remonta.)*

#### Cena V

Josefina, Custódio, depois Natividade

Custódio *(Entra pela primeira porta da esquerda. Está vestido de turco, grande e alto toucado de eunuco. Não traz barbas. Um grande sabre, chinelas turcas.)* - Esta roupa é quente como os demônios, e este chanfalho é muito incômodo.

Josefina *(À parte.)* - Olá! outro turco... Algum amigo.

Custódio *(À parte.)* - A sultana! Oh! que é esplêndida e robusta. Aí está, é das mulheres que aprecio.

Josefina *(À parte.)* - Como é feio!

Custódio *(À parte.)* - Vou fingir que falo turco. *(Aproximando-se dela, e cumprimenta dizendo.)* - Trum, trum, trum!

Josefina *(À parte.)* - Que estará ele dizendo?

Custódio *(À parte.)* - Decididamente inda gosto de cerejas. *(Fazendo festas a Zetublé.)* Trum, trum, trum!

Josefina - Que tipo! Ah! *Mais est-ce qui'il ne va pas finir ce vieux debardeur.*

Natividade *(Entrando, pelo fundo, à parte.)* - Está encomendado o almoço. *(Alto a Custódio.)* Omar, vil escravo, aproxima-te!

Custódio *(Que tem tomado a extrema, aproximando-se.)* - Aqui estou grandeza do sol!

Natividade *(Indicando-lhe o fundo.)* - Vai para a sala dos eunucos.

Custódio (*À parte.*) - Para o corredor.  
Natividade - De cimitarra em punho! Degolarás todo aquele ou aquela que pretenda entrar ou sair!  
Josefina (*À parte.*) - *Saprelotte.*  
Natividade - Estás nomeado eunuco mor do harém!  
Josefina (*À parte.*) - Eunuco? (*Alto.*) Isto é demais!  
Natividade e Custódio - Hein?  
Natividade - Ela fala português!  
Custódio - Mas tem sotaque turco.  
Natividade - Ah! aqui vão se passar coisas extraordinárias. (*A Custódio.*) Retira-te e retira da bainha a tua cimitarra. (*Cantam.*)

Juntos

Natividade - Ela disse: isto é demais,  
Ela falou português!  
Explicar-me a coisa vais  
Em minutos dois ou três! (*Bis.*)  
Custódio - Ela disse: isto é demais,  
Ela falou português!  
A pequena é das tais,  
Hei de ter a minha vez! (*Bis.*)  
Josefina - Sim eu disse: isto é demais,  
Sim que falo português!  
E se daqui saio, jamais  
No oriente ponho os pés. (*Bis.*)

(*Repetem 3 vezes, na terceira, duas vezes. Custódio sai.*)

## Cena VI

Josefina, Natividade

Natividade - Fala! Quem te ensinou a falar a língua de Camões?  
Josefina - Foi meu pai, que esteve muitos anos em Portugal.  
Natividade - Pois ainda bem, assim nos poderemos entender melhor.  
Josefina - Quero pedir-te dois favores, trono de esplendor! pirâmide de sabedoria!  
Natividade - Fala, andorinha da minha primavera!  
Josefina - Dispensa o eunuco.  
Natividade - O meu fiel Omar! E depois?  
Josefina - Empresta-me uns cobres para ir comprar um par de ligas?  
Natividade - Queres sair?! Pela couraça de Maomé! Proíbo-te!  
Josefina - Então hei de levar todo o santo dia metida entre estas quatro paredes?  
Natividade - Recalcitras?  
Josefina - Recalcitro!  
Natividade - Vou mandar-te açoitar!  
Josefina - Não, não! Já cá não está quem falou!  
Natividade (*À parte.*) - Hein! O que é a mulher no oriente! (*Alto.*) Pois não sabes, ó desgraçada, que se um homem se atrever a olhar para ti, estou no meu direito de degolá-lo?  
Josefina - Oh!  
Natividade - E de coser-te ali num saco, como um macaco, um galo, uma serpente, e um coelho e de lançar-te ao mar! Hum!  
Josefina (*À parte.*) - Ora esta!  
Natividade - Agora sorri!

Josefina - Mas...  
Natividade - Ordeno-te que sorrias!  
Josefina (*Sorrindo.*) - Pronto!  
Natividade - Ah! Ah! Ah!

## Cena VII

Os mesmos e Custódio

Custódio (*Entrando pelo fundo, de cimitarra em punho.*) - Montanha de cortesia!  
Natividade - Que há?  
Custódio (*Baixo.*) - O inquilino do terceiro andar diz que está aí a nova proprietária, que vem examinar o prédio.  
Natividade (*A Josefina.*) - É o cadí que me vem visitar... Vai para o teu quarto.  
Josefina - Obedeço, cornija da abóbada celeste. (*Sai pela direita, primeiro plano.*)

## Cena VIII

Natividade, Custódio, depois Simplicia e o primo Alferes

Alferes (*Dentro.*) - A casa é bem boa!  
Simplicia (*Dentro.*) - Construção muito sólida!  
Natividade (*Que subiu, olhando para o fundo.*) - Céus! Minha mulher!  
Custódio - A patroa!  
Natividade - Com o primo Alferes.  
Custódio - Vão ver-nos vestidos de turcos! Onde nos devemos meter?  
Natividade - Prudência! estas vestimentas podem salvar-nos! (*Fazendo Custódio sentar-se à turca no divã da esquerda.*) Senta-te aí... cruza as pernas... fuma neste cachimbo! (*Dá-lhe um grande cachimbo turco, que vai tirar do cabide.*)  
Custódio - Mas eu não fumo. O tabaco faz-me mal!...  
Natividade - Tanto melhor! (*Sentando-se num coxim, do outro lado.*) E eu aqui... e bico! (*Cruza as pernas e acende um cachimbo. Simplicia aparece ao fundo, seguida pelo primo Alferes, que está fardado.*)

Quarteto

Simplicia - Olé! Dois turcos! dois!  
Alferes - Dois turcos, é verdade!  
Simplicia - Isto pra mim é novidade!  
Eu não sabia que os meus inquilinos  
Fossem turcos!  
Alferes - São turcos genuínos!  
Simplicia e Alferes Custódio e Natividade  
Oh! que tipos Para ver-me  
Que tipões, Nos sertões,  
Me parecem Dava agora  
Dois sultões (*Bis.*) Dez tostões (*Bis.*)  
Simplicia (*Aproxima-se.*) - Sou sua senhoria!  
Natividade (*Falando.*) - Mamamut, mamamut, mamaut!  
Alferes - Jesus! Que algaravia.  
Natividade - Trombuctu, trombuctu. (*Bis.*)

Simplicia - Não sabem o português.  
 Alferes - Talvez saibam francês...  
*Elle est la propriétaire.*  
 Custódio - Mamamut, mamamut, mamamut, mamamut.  
 Simplicia - *Nous ne pouvons rien faire!*  
 Custódio - Tombuctu, tombuctu, tombuctu, tombuctu!  
 Alferes - Não sabem o francês.  
 Simplicia - Inglês sabem talvez.  
*I am the proprietary.*  
 Natividade - Mamamut, mamamut, mamamut!  
 Alferes - Não sabe o que é *proprietary!*  
 Custódio e Natividade - Tombuctu, tombuctu, tombuctu!  
 TODOS - Mamamut!  
 Tombuctu!  
 Simplicia e Alferes Custódio e Natividade  
 Mamamut, tombuctu É língua de zulu,  
 Mamamut, tombuctu Mamamut, tombuctu;  
 Mamamut, tombuctu É língua de zulu,  
 Tom, tom, tom, tombuctu! É língua de zulu!  
 Alferes - Não sabem português... podemos falar sem receio. Prima Simplicia, eu continuo a amá-la com todas as forças de minha alma!  
 Custódio e Natividade - Hein?  
 Alferes e Simplicia (*Voltando-se.*) - O que é?  
 Natividade - Mamamut  
 Custódio - Tombuctu!  
 Alferes - Lembra-se daquela vez... seu marido estava na Europa... em que jantamos juntos no Bragança, em *tête-a-tête*... num gabinete que dava para a Rua do Cano?  
 Simplicia - Cale-se.  
 Natividade (*À parte.*) - E esta?  
 Alferes - À sobremesa, a prima Simplicia sempre vigorosa, não me quis atender; pôs a capa e o chapéu e...  
 Simplicia - Tinha-me esquecido de fechar as gavetas, e não me fio em criados.  
 Natividade (*À parte.*) - Felizmente.  
 Alferes - Para a outra vez, não se esqueça de fechar as gavetas, sim, prima Simplicia?  
 Simplicia - Cale-se!  
 Alferes - Outro cálice! A prima Simplicia hoje está inesgotável! (*Beija-lhe a mão.*)  
 Natividade - Mamamut! Mamamut!  
 Custódio - Tombuctu! Tombuctu!  
 Simplicia - Que tipos, vamos ver o resto da casa.  
 Alferes - Às suas ordens, prima Simplicia. (*Dirigindo-se à porta da direita.*) Uma alcova... Oh!...  
 Simplicia - O que foi?  
 Alferes (*Disfarçando.*) - Nada! Apertei o dedo na porta! (*À parte.*) Uma odalisca! Um harém ali dentro!  
 Simplicia (*Que tem pegado na bengala de Natividade, dá-lhe com ela.*) - Ah!  
 Alferes - O que é?  
 Simplicia - Nada. (*À parte.*) - Dir-se-ia a bengala de meu marido! Hei de cá voltar...  
 Alferes (*À parte.*) - Vou e volto!  
 Simplicia - Vamos, primo Alferes?  
 Alferes - Às suas ordens, prima Simplicia. (*Saem.*)

## Cena IX

Natividade, Custódio, depois José

Natividade (*Levantando-se.*) - Foram-se.

Custódio (*Idem.*) - Há muito tempo. Já estou tonto de tanto fumar!  
Natividade - Instalei Zetublé na casa que minha mulher comprou na minha ausência. Amanhã mudamo-nos.  
Custódio - E o priminho a fazer o seu pé-de-Alferes!  
Natividade (*Muito sério.*) - Custódio, eu não sou homem de preconceitos... mas vou fechar a porta ao tal priminho. (*Entra pela fundo José, vestido de moço de restaurante, com um almoço servido numa mesinha, deixando ficar perto da porta da esquerda uma cesta com vinho.*)  
Natividade - Ah! bem! bem! (*Chamando.*) Zetublé, Zetublé!

## Cena X

Os mesmos e Josefina

Josefina (*Entrando*) - Chamou-me?  
Natividade - Para almoçarmos.  
José (*A Natividade.*) - Não deseja mais nada?  
Josefina (*À parte.*) - Ah! Meu Deus! esta voz! (*Reconhecendo.*) José?!  
José - (*À parte, estupefato.*) - Josefina!  
Natividade - O que tem você, homem?  
José (*Palpitante.*) - Nada!  
Natividade - Então, deixe-nos. (*Sai José pelo fundo, olhando para Josefina.*)  
Josefina (*À parte.*) - José em Túnis?  
Natividade (*A Josefina.*) - Senta-te a minha direita. (*Sentam-se à mesa.*)  
Custódio (*Procurando lugar para sentar-se.*) - E então eu?  
Josefina (*Dando-lhe o prato de arroz.*) - Tome; vá para o seu quarto.  
Custódio (*Consigo.*) - Vá lá! cá levo o champanha para digerir o arroz. (*Toma, sem ser visto, um cesto de garrafas que José tem posto, ao entrar, perto da porta da esquerda, primeiro plano. Sai por essa porta.*)

## Cena XI

Natividade, Josefina, depois José

Natividade - Finalmente estamos sós... sozinhos!  
Josefina - É verdade. (*À parte.*) Como é feio!  
Natividade (*Com impeto.*) - Ô Zê, Zê!  
Josefina (*Friamente, erguendo-se.*) - O que há?  
Natividade (*Acompanhando-a.*) - Fala-me, dize-me coisas açucaradas... Canta-me uma cantiga da tua terra!  
Josefina - Ah! quer que lhe cante uma cantiga! Então lá vai! *Os dois pombinhos.* (*À parte.*) Vou impingir-lhe um *couplet* do repertório da *ópera-bouffe*.  
Natividade - Vamos lá:

### I

Josefina - Conheci dois namorados,  
Cada qual mais discreto,  
Quem os via tão chegados  
Invejava aquele afeto  
A trocaram mil carinho, mil carinhos,  
Pareciam dois pombinhos, dois pombinhos!  
E até diziam  
Que assim faziam (*Bis.*)

Quando sozinhos

*(Rolando.)* Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru!  
Natividade - Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru!  
Josefina - Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru!  
Natividade - Rucutucu! Rucutucu! Rucutucu! Rucutucu!  
Josefina - Pombo gentil, gentil pombinha,  
Hás de ser meu, há de ser minha!  
Hás de ser meu!

## II

Mas depois de bem casados,  
Adeus, minhas encomendas!  
Eram só por seus pecados,  
Discussões e mil contendas,  
Dele um murro, dela um soco,  
Não ficava sem ter troco,  
E assim diziam,  
Já não faziam *(Bis.)*  
Muito nem pouco  
*(Rolando.)* Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru!  
Natividade - Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru!  
Josefina - Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru!  
Natividade *(Tomando-a pela cintura com explosão.)* - Ó Zé, ó Zé, ó Zé, ó Zetuble!  
José *(Aparecendo ao fundo.)* - O senhor chamou?  
Natividade - Vai-te embora, garçom! Não me esfries a Cena!  
José - Parece-me que tinha ouvido: Ó Zé! *(Sai.)*  
Josefina *(À parte.)* - E nunca foi tão bonito!  
Natividade - Em que pensas?  
Josefina *(Sentando-se à mesa.)* - Penso que... que estou com o estômago a dar horas.  
Natividade *(À parte, sentando-se.)* - Pois, senhores, a pequena fala o português como Fernão Mendes Pinto.  
*(Com explosão.)* Ó Zé... tublé!  
Josefina - Quietos!  
José *(Entrando.)* - O senhor chamou?  
Natividade - Deixa-nos por Maomé! *(José sai.)* Este garçom é insuportável! Huri do meu coração, uma taça de champanha, vai?  
Josefina - Duas ou três, se quiser.  
Natividade *(Procurando as garrafas.)* - Ora esta! Onde diabo está o champanha?  
Josefina - Chame o garçom.  
Natividade - Qual garçom! Estou farto do tal garçom! Provavelmente Omar levou as garrafas para o seu quarto! Vou buscá-las. Volto já! *(Enviando-lhe um beijo.)* Volto já! ... *(Entra no quarto de Custódio.)*

## Cena XIII

Josefina, José e depois Natividade

José *(Aparecendo.)* - O senhor chamou  
Josefina - José!!  
José - Josefina! Estás só?  
Josefina - Oh! leva-me daqui! leva-me daqui!  
José - Para onde?  
Josefina - Para onde quiseres! Para o inferno! Ainda me amas?

José - Oh! sempre! (*Ajoelha-se ao pés. Natividade entra.*)  
Natividade - Aqui está o champ... (*Vendo-os, com um grito.*) Oh! (*Arrolha o champanha que salta com a explosão.*)

Tercetino

Natividade - Que vejo! (*Bis.*)  
Josefina e José - Nós fomos apanhados  
Coa boca na botija!  
Natividade (*Puxa o alfanje.*) - Oh! desgraçados,  
É natural que disto explicação exija!  
Por Maomé!  
Josefina (*Protegendo José.*) - José! Meu José!  
Natividade (*Avançando para eles.*) - Zetublé!  
José - Zetublé?  
Eu não me posso ter em pé!  
Josefina - Meu José, meu José!  
Dá neste turco um pontapé!  
Natividade - Maomé! (*Bis.*)  
Eu vou matar este José!  
(*A Josefina.*) Sem mais demora  
Para o meu quarto  
Vá senhora  
(*Empurra Josefina para o quarto, depois avança para José. Tragicamente.*)  
E nós, agora!...  
(*Vai como que cantar uma grande ária, avançando para José, que se defende, levantando a mesa. A orquestra para subitamente interrompendo o ritornello da ária, que deve ser a Tosca.*)

#### Cena XIV

Natividade, José, depois Custódio

Natividade (*Muito calmo.*) - Não sejas tolo... não te quero mal... (*Dando-lhe uma nota.*) Aqui tens cinco bagarotes.  
José (*Admirado.*) - Não percebo...  
Natividade - Solta um grande grito... Assim como se te estivessem matando!  
José - Está doido?  
Natividade - Solta um grito! (*Lembrando-se.*) Ah! espera lá! (*Dá-lhe um pontapé. José solta um grito e foge pelo fundo.*) Pronto!  
Custódio (*Entrando com um grande saco às costas.*) - Cá vou deitar no corredor o primeiro saco de rolhas!

#### Cena XV

Os mesmos e Josefina

Josefina - Ouvi um grito... *Mon Josef!*... *Vendo o saco às costas de Custódio, solta um grito de pavor.*) Ah! ele está naquele saco! Assassinado! (*Custódio tem saído pelo fundo.*)  
Natividade - Fiz justiça! (*Para fora.*) Omar, manda lançar esse cadáver ao mar!  
Josefina - Assassino! Malvado! Odeio-te! Detesto-te!  
Natividade (*Tomando-a pela cintura.*) - Façamos as pazes, louquinha!

Josefina - Não te aproximes de mim. Eu mordo-te!

Natividade - Fica assim! És sublime nas tuas fúrias! (*Excitando-a.*) Kis! Kis, enfurece-te mais, e vez em quando hei de mandar matar um garçom, para te ver assim furiosa! (*Com graça.*) Até logo, alma da minha vida, até logo! (*Sai pela direita.*)

### Cena XVI

Josefina, depois o Alferes

Josefina - Oh! *Jé comprendo Judith et Olofernes!*

Alferes (*Entrando cautelosamente.*) - Entrei pela outra porta, de que tenho uma chave! Oh! a sultana...

Josefina (*À parte.*) - Um militar!

Alferes - Fala português?

Josefina - Falo! (*À parte.*) Aqui em Túnis, muito se fala o português!

Alferes (*Caindo-lhe aos pés.*) - Nesse caso, amo-a!

Josefina - Senhor!

Alferes (*Com volubilidade.*) - Eu nunca tinha visto sultana senão nas mágicas... Desde a primeira vez que tive a ventura suprema de vê-la, senti circular-me nas veias um fogo estranho, eu...

Josefina (*Atalhando.*) - Desgraçado, pois não sabe?

Alferes - O quê?

Josefina - Nessa casa corta-se a cabeça de um homem...

Alferes - Virgem Maria!...

Josefina - ... com a mesma facilidade com que a uma galinha!

Alferes - Valha-me Deus! (*Cai sentado. Natividade e Custódio, que aparecem, soltam ambos um grande grito ao dar com ele. Forte na orquestra. O Alferes foge pela esquerda, primeiro plano.*)

### Cena XVII

Josefina, Natividade e Custódio

Natividade (*Solene.*) - Omar?

Custódio - Patrão! (*Emendando.*) Ben-Cid-Natividade?

Natividade - Desembainha o teu alfanje, vai ao encalço desse Alferes, e corta-lhe a cabeça.

Custódio - Sim, fonte de suavidade! (*Sai pela esquerda, primeiro plano.*)

Josefina - Perdão, perdão para ele! Eu não o conheço! Juro-lhe que está inocente!

Natividade - Pelo bigode do Profeta. Não o defendas, mulher! (*Custódio reaparece com outro saco às costas e sai pelo fundo.*) Ali vai o saco do Alferes.

Josefina (*Com um grito.*) Outro! Dois homens perderam a cabeça por meu respeito. (*Vai desmaiar. Natividade sustém-na.*)

Natividade - Como és bela assim! Deixo-te entregue às suas reflexões... Mas pelo umbigo de Maomé! Não recebas visita. se é que a espécie humana te merece alguma consideração! Vou encomendar mais sacos! (*Sai pelo fundo e fecha a porta. Simplicia aparece no segundo plano, esquerda.*)

### Cena XVIII

Josefina e Simplicia

Josefina - Estamos num belo país, não há que ver.  
Simplicia (*À parte.*) - Aqui anda coisa... Aquela bengala!  
Josefina - Uma senhora!  
Simplicia - Uma turca! Josefina, que foi minha costureira!  
Josefina - Oh! Uma freguesa fluminense! E esta!  
Simplicia - Que faz você aqui? E assim vestida?  
Josefina - Estou em poder de dois tigres... dois turcos! dois degoladores!  
Simplicia - Meu Deus!  
Josefina - Salve-me, madama, salve-me das garras de Ben-Cid-Natividade!  
Simplicia - Hein?! Chama-se Natividade?  
Josefina - E o outro Custódio... Custódio Omar.  
Simplicia - O guarda-livros.  
Josefina - Não é essa precisamente a sua profissão!  
Simplicia - Ah! desavergonhados! tratantes... Sossegue, que arrancá-la-ei do jugo dos seus algozes! Ouvi rumor, esconda-me... esconda-me que ele vai ver o bom e o bonito!  
Josefina - No meu quarto, ali...  
Simplicia - Nem uma palavra, e conte comigo! Ah! Maroto! (*Entra no quarto de Josefina.*)  
Josefina - Mas como diabo...

## Cena XIX

Josefina, José, depois o Alferes

José - Psit! Psit, Josefina,  
Aqui estou mulher divina!  
Pois que adorar-te é meu fraco,  
Josefina - Pois não estás no saco?  
Alferes - Psit! Psit, ó menina!  
Aqui estou, huri divina!  
Pois adorar-te é meu forte!  
Josefina - Também escapou à morte?  
(*Assustando-se.*) Escondam-se!  
Alferes e José - Oh! (*Desaparecem ambos. Forte na orquestra.*)  
Josefina - *Vivants tous deux, ces farceurs de turcs m'ont fait poser!* (*Entra Custódio um pouco embriagado.*)

Josefina, Custódio, depois Natividade

Custódio - O champanha é bom, mas é velhaco. Fiz como o patrão, tomei uma turca. (*A Josefina*) Meu amo, o décimo terceiro raio do sol, mandou dizer a vossemecê que... (*Procurando lembrar-se.*) O que o diabo mandou ele dizer? Ora esta?  
Josefina - Durma um pouquinho.  
Custódio - Isso não! Não posso dormir ao pé de um prato de cerejas.  
Josefina - Pobre turco!  
Custódio (*À parte.*) - É esplêndida! (*Toma-lhe a mão e beija-a.*) Tombuctu! Tombuctu!  
Josefina - O quê? Ah! Quer a outra! (*Dá-lhe a outra mão, Custódio beija-a.*) Pobre mamamuth!...  
Natividade (*Entra pelo fundo com o turbante enviesado.*) - Não sei o que tenho... Eu não sou turco, mas também parece-me que não estou lá muito cristão! (*Alto.*) Omar, sola dos meus sapatos! (*Toma-lhe o braço e encostam-se um ao outro rindo.*) Que a minha vontade seja a tua lei! (*Tirando um lenço da algibeira.*)  
Chegou o momento. Leva esta mensagem à sultana!  
Josefina - *Rigri... et demande l'addition!*...  
Custódio (*À parte, com o lenço na mão aproximando-se de Josefina, a cambaleiar.*) - Estou com vontade de lhe dar também o meu. (*Tira da algibeira um lenço de tabaco e, dobrando o joelho, apresenta os dois lenços a Josefina.*) Branca filha da branca Circássia... aceita este testemunho de consideração e respeito com que

somos de... Vossa Senhoria... atentos, veneradores e criados...

Josefina - Dois lenços! eu não estou endefluxada!

Natividade (*Aproximando-se desta com amor.*) - Preciso dizer-te tantas coisas!

Josefina - Permite-me, grande luz, que eu vá vestir os meus vestidos de gala.

Natividade - Que te acompanhem as graças e te conduzam amores. Tem três minutos para mudar a fatiota. (*Josefina sai pela direita média.*)

## Cena XXI

### Natividade e Custódio

Custódio - É pena que o patrão só tivesse comprado uma.

Natividade - Omar!

Custódio (*Sem dar-lhe ouvidos.*) - Se ele ma quisesse ceder pelo custo...

Natividade - Omar!...

Custódio - Patrão!...

Natividade - Inunda-me de perfumes. Quero embriagá-la.

Custódio - Perfumes? Então, com licença: vou até os *Dois Oceanos*.

Natividade - Quais *Dois Oceanos*! Toma! (*Tira da algibeira dois vidros de perfumarias.*) Derrama-me essas águas nos cabelos... no pescoço...

Custódio - Eu também sou filho de Deus! (*Derrama um vidro sobre Natividade e outro sobre si.*)

Natividade - Derrama... Nos olhos não, desgraçado! (*Tendo-se acabado a perfumaria, derrama Custódio sobre Natividade o champanha de uma garrafa que trouxe debaixo do braço.*)

Custódio - Acabou-se. (*Desfaz-se da garrafa e dos vidros.*)

Natividade - Escravo, é a festa dos mirtos! Vai buscar a formosa Zetublé.

## Cena XXII

### Natividade, Custódio, Simplicia, depois José, Alferes, E Josefina

(*Música na orquestra. Dona Simplicia aparece vestida de circassiana e com o rosto coberto por um véu.*)

Custódio toma-a pela mão, e leva-a solenemente para junto de Natividade.)

Natividade - Aproxima-te, sol das minhas noites! (*Beija-lhe a mão*)

Custódio (*Beijando-lhe a outra mão.*) - Lua dos meus dias.

Simplicia (*Afastando o véu.*) - Vocês são dois patifes!

Natividade (*Recuando.*) - Minha mulher!

Custódio - A patroa! (*Josefina, Alferes e José aparecem.*)

Simplicia (*Tirando um lenço do bolso.*) Então foi para isto que lhe marquei duas dúzias de lenços. (*A Josefina.*) - Venha, Josefina!

Josefina - Josefina!

Simplicia - Minha ex-modista.

Natividade - Pois não é circassiana?

Josefina - Parisiense!

Natividade - Parisiense? Passe para cá os meus dois mil e quinhentos francos.

Simplicia - É o seu dote, porque vai casar.

José (*Tomando a mão de Josefina.*) - Comigo. Ah! Eu já estava para atirar-me (*Apona para a janela.*) ali do zimbório da Candelária abaixo.

(Cai o Pano)

**FIM**